

Ana
Maria
Machado
contos

foglio

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Ana
Maria
Machado

contos

Inéditos

foglio

© 2012 by Ana Maria Machado

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 2199-7824 – Fax.: 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa **Marcelo Martinez | Laboratório Secreto**

Revisão **Suelen Lopes**

Coordenação de e-book **Marcelo Xavier**

Conversão para e-book **Abreu's System**



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS,
RJ
M129c

Machado, Ana Maria
Contos [recurso eletrônico] / Ana Maria Machado
; [organização Arthur Dapieve]. - Rio de Janeiro :
Objetiva, 2012.
recurso digital

Formato: ePub
Modo de acesso: Adobe Digital Editions
Requisitos do sistema: World Wide Web
42p. ISBN 978-85-66384-00-0 (recurso
eletrônico)

1. Conto brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

12-
8192.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Todas as filhas

*VIOLA – I am all the daughters of my father's house
And all the brothers too; and yet I know not...
Shakespeare, Noite de Reis*

VELA. VIOLA. FEITO.

Vela feito viola. Viola feito vela.

Havia um poema guardado naqueles nomes, Olívia tinha certeza. A questão era desentranhá-los.

Talvez não fosse um verso linear. Com certeza, seria algo mais visual. Valorizando o espaço. Com as palavras dispostas na página de modo diverso, as letras se entrecruzando na coincidência das repetições. V-L-A, tecendo Vela e Viola. E mais -I- ou -O-, soldando Viola e Feito. Quem sabe, -E- , ancorando Feito em Vela. De qualquer forma, um poema. Letras no papel. Preto no branco. Como as experiências concretas e neoconcretas, de vanguarda, que naquele final dos anos 50 enchiam outras paredes e painéis de outras salas igualmente bem iluminadas. Ou folhas de jornais – inclusive o suplemento que saía aos sábados, mas se intitulava dominical. Olívia tinha certeza de que esse nome fora escolhido por uma razão estética. De propósito. Como se autodenominar suplemento sabatino? Ou sabático? Sem contar que teria que se abreviar **ssjb**, horrível, com aqueles **ss** assim lado a lado, repetidos, evocando gagueiras, ciciantes silvos ofídicos ou lembranças de atrocidades nazistas. Muito diferente de **sdjb**, em que o desenho do **d** e a beleza do **b** se respondiam em espelho, brincavam de desafio, iluminavam veredas, partiam navegando, sugeriam melodias.

Feito Vela. Feito Viola.

Vela e Viola também poderiam ser verbos. Essa seria outra possibilidade. Velar. Violar. E Feito, além de ser explorado como uma conjunção

comparativa, podia ser um particípio passado, ou um substantivo. Algo completo, terminado, perfeito. Uma obra realizada. Os grandes feitos de alguém. Abriam-se novos caminhos. Rumos infinitos para tão modestos nomes.

Aliás, Modesto era outro. Na verdade, Cuixart. Modesto Cuixart. Mas esse sobrenome estranho ia ser difícil. De qualquer modo, essa palavra não ficara ao lado de Vela, Viola e Feito, girando na memória de Olívia. Não vinha assombrar seu despertar, encolhida de frio, ainda entre o sono e a vigília, lembrando dos quadros e achando que era até capaz de fazer um poema sobre eles, se se concentrasse de verdade nessa tentativa.

Tinha sido, porém, justamente a obra de Cuixart uma das que mais impressionara a menina, nas salas da Bienal que o pintor dividia com outros artistas, seus compatriotas Feito, Vela e Viola. E com mais outro, Antonio Tàpies, que talvez até dominasse os quadros dos outros com sua intensidade. Todos eles trazendo uma pintura forte, rica em matéria, explorando texturas em suas formas abstratas, recorrendo a colagens de tecidos rústicos, areia, massas de tinta empastada. Tudo vibrante e denso, em infinita gama de marrons e castanhos, mostardas e húmus, outonos e madeiras, ferrugens e sombras, do vermelho ao negro. Terra e sangue. Vida e morte.

– Mais espanhol, impossível.

Fizera esse comentário diante de um quadro de Tàpies. A seu lado, Miguel corrigira:

– Ele não é espanhol, é catalão.

Para Olívia, era tudo a mesma coisa.

Mas Miguel dizia que não, e ele sabia do que estava falando. Afinal, era espanhol, da Andaluzia. A essa altura, na verdade, brasileiro. Tinha oito anos quando viera para o Brasil de navio, com os pais que se exilaram ao fim da Guerra Civil. Uma dureza. Agora, aos vinte e seis, já tinha história. Uma história que Olívia intuía fascinante, desde que ela se aproximara dele fazendo algum comentário bobo e os dois começaram a conversar enquanto subiam a rampa da Bienal.

Antes disso, porém, já tinham se olhado longamente no trem, em meio aos outros estudantes da excursão, àquela altura todos cantando, amontoados em volta de um rapaz que tocava violão. Olívia estava espremida num canto, dividindo a cadeira com sua amiga Regina, quase soterradas ambas pelos

colegas que sentavam no braço da poltrona ou se penduravam no espaldar. Miguel se mantinha mais afastado, de pé, encostado na porta que dava passagem para o outro vagão. Era o único que não cantava no meio daquele coro espontâneo e não muito afinado. Mas olhava com ar divertido, um semi-sorriso querendo aflorar. E não tirava os olhos dela.

Ela retribuía, de vez em quando. Tinha reparado nele desde a estação, no meio de tantos estranhos. Todos estranhos, aliás, já que Olívia não conhecia ninguém do grupo além de Regina, apenas viera de carona na excursão dos alunos da Escola de Belas Artes. Estudava pintura, sim, mas era no Curso de Arte Contemporânea. Depois, ouviu alguém chamá-lo pelo nome. Miguel. Nome de arcanjo. Mas arcanjo guerreiro. Função pouco angelical.

A figura de Miguel tinha tudo para chamar sua atenção. Mais velho que aqueles garotos todos. Alto, magro, esguio – uma silhueta de toureiro. Com a elegância natural de um bailarino, a não ser pelos ombros levemente curvados para dentro e uma certa rispidez latente, quase à flor da pele. Por sinal, de um moreno diferente, amendoado – “essa cútis amassada de azeitona e jasmim”, ela encontraria depois em Lorca a comparação exata. Os olhos, sim, imediatamente lhe lembraram o desenho das frutinhas nas latas de azeite de oliva: grandes, escuros, brilhantes. Sombreados por olheiras, debaixo de sobranceiras espessas e nítidas, sob cabelos muito lisos e negros que caíam pela testa. Nariz mediterrâneo (reto como os das estátuas greco-romanas que ela tanto copiara nas aulas de desenho), lábios consistentes, raramente sorrindo para revelar os dentes bem alinhados. Barba cerrada se insinuando por baixo da pele. O todo era meio tristonho, não chegava a ser bonito. Talvez Olívia não o tivesse destacado entre todos, se não fosse pelo porte dele. A expressividade do olhar de Miguel fez o resto.

Tinha que ser expressivo. Estava apostando tudo naquele olhar. Aquilo era uma maluquice, evidentemente ela era pouco mais que uma criança. Não podia abordá-la. Mas se ela viesse falar com ele, então as coisas ficavam diferentes. Passava a ser uma relação normal, entre dois participantes de uma mesma excursão de estudantes de arte à Bienal de São Paulo. Nada demais, dois colegas.

Como nunca a vira na Escola? Impossível não notar aqueles olhos imensos, cor de âmbar, curiosos, abertos para o mundo em volta como se a vida fosse

uma coisa maravilhosa e cheia de surpresas. E o sorriso de encantamento que de vez em quando deixava transparecer a menininha, por dentro daquela adolescente magricela e meio desengonçada, de longas pernas e braços, mãos grandes de dedos compridos.

Era menina mesmo. Não era aluna da Escola. Nem ao menos tinha idade para ter feito o vestibular, Miguel logo ficara sabendo. Da mesma forma, fez questão de contar imediatamente a ela sua história, sem esconder nada. O casamento apressado pela gravidez da namorada, os estudos interrompidos, o casal morando em casa dos pais dele, gente de bem que jamais consentiria em deixar uma moça ao desamparo. E mais: a filha de três anos, o trabalho na agência de publicidade, a recente decisão de voltar à Escola de Belas Artes, tentando parcelar os cursos, fazendo umas cadeiras esparsas.

Durante os quatro dias em São Paulo, falaram de arte, de política, de filosofia, de poesia, da Espanha, do Brasil. De si mesmos, muito pouco, já se tinham contado o que era narrável. De sentimentos, não quiseram dizer. Nem precisava.

Mas fazia muito frio na última noite. Ela ia ficar mais um dia em casa de uns tios. Os dois não queriam se despedir, caminharam pelas ruas até amanhecer. Miguel lhe deu o paletó para que se aquecesse. Tiritando só com o pulôver, tomou umas doses de Fundador. Passou o braço em volta do ombro dela. Olívia abraçou sua cintura. Trocaram beijos longos e cheirosos, perfumados de saliva e menta, chocolate e conhaque, lavanda e tabaco.

A ideia era não se encontrarem mais. Bem que tentaram. Só que a prática foi diferente. Durante dois anos, se atraíram e se afastaram. Ela entrou na faculdade, ele saiu. Ela teve namorados, ele mudou de endereço.

– Desta vez é para valer, Miguel. A gente não pode se ver nunca mais. E quando por acaso se encontrar, não pode falar um com o outro.

– Se você prefere assim, Olívia... Não quero nada que te contrarie. Mas se mudar de ideia, é só chamar.

Nove, dez, onze vezes? Perderam a conta da repetição de variantes desse diálogo. Ela não o chamava. Mas cada vez que Olívia achava que não ia mais aguentar, ele aparecia por acaso. Na saída da faculdade. Numa sessão da cinemateca. Na exposição de algum pintor amigo. Retomavam a conversa de onde tinham parado. Depois, ele a levava em casa, de ônibus ou lotação, mãos

dadas, ele lhe alisando os longos dedos de artista, ela retraçando as linhas das palmas de Miguel, como se quisesse ler nelas seu próprio destino. Combinavam o próximo encontro, saíam, retomavam tudo. Um tudo de namorinho adolescente escondido. Quando não eram mais adolescentes. Eram só apaixonados. E para isso não há esconderijo.

Havia, sim, era poesia, muita poesia. Não só todos os poetas que Miguel apresentou a Olívia – García Lorca, Antonio Machado, Jiménez, Salinas, Alexandre, Alberti, Neruda – nem o cabedal infinito de Drummond e Pessoa que ela passou para ele. Mas os próprios poemas que Miguel se descobriu fazendo, exigente, rigoroso, quase nunca falando de amor, porém carregados de densas sutilezas.

Andavam a pé pelo centro, subiam as ladeiras de Santa Teresa, iam passear em ruas do Rio Comprido, onde não tinham conhecidos. Num fim de semana, deram uma escapada a Teresópolis. Um sábado e um domingo inteirinhos, juntos. Dormiram abraçados. Dormiram. Só.

Na volta, ele decidiu:

– Olívia, isso não pode continuar assim. Você não é mais uma criança, eu não posso ficar te protegendo a toda hora, tomando conta de você, te defendendo de mim mesmo. A gente se ama, se quer, somos macho e fêmea, homem e mulher. Do jeito que está, a dor vai ficando maior do que a alegria. Vou sair de casa, largar minha mulher. Vamos viver juntos.

– Nunca que meu pai vai deixar.

– Como é que você tem tanta certeza? Já falou com ele?

– Ele me mata se eu falar.

– Então não fala. Sai de casa e vem.

– Não posso fazer uma coisa dessas.

– Não pode o quê? Dormir comigo? Viver comigo?

– Não, isso eu posso, eu quero, Miguel... Mas você não entende? Você já é casado. A gente não pode casar. E eu não posso ser sua amante, dar um desgosto desses a meu pai, jogar isso em cima da minha família.

– Você não vai ser minha amante, vai ser minha mulher.

– Você já tem mulher...

– Então, já que não existe divórcio por aqui, eu me separo diante do juiz. Me desquito. Será que isso chega? Ou você vai querer essa palhaçada de ir casar

no Uruguai?

– Não fala assim, Miguel...

Olívia tinha vontade de chorar. Não gostava de ver Miguel irritado e agressivo daquela maneira. Mas também queria resolver aquela situação, por mais pavor que tivesse da fúria paterna.

– Vê se não chora. Ou a gente resolve isso, ou se separa de uma vez. E eu sumo da sua vida. Agora é para valer.

Ela sentiu que daquela vez era mesmo.

– Não, deixe eu preparar a situação...

– Não tem mais o que preparar, Olívia. Ou você vem comigo, ou eu vou em frente sozinho.

– Eu tenho medo...

– Então, acabou.

Pausa. Miguel sugeriu:

– Prefere que eu fale com ele?

– Acho que sim... Mas primeiro eu converso, preparo o terreno.

E assim ela se viu, daí a dois dias, entrando num restaurante no centro da cidade para almoçar com o pai e ter com ele a conversa séria que tinha pedido.

O jurista Demócrito Cavalcanti Sampaio – descendente dos Cavalcanti de Pernambuco e dos San-Payo da província do Grão-Pará – fizera questão de chegar antes da hora marcada. Jamais seria capaz de fazer uma mulher esperar sozinha num restaurante. Ainda mais sua própria filha. Mesmo num lugar como esse que escolhera, familiar, discreto, de primeira qualidade e sem ostentação.

Viu o *maitre-d'hôtel* conduzir a menina até junto da mesa e sorriu, orgulhoso. Sua pequenina Maria Olívia, a Olivinha dos miúdos dentes-de-leite e covinhas ao sorrir, andava agora com firmeza em sua direção, transformada numa bela moça, inteligente, talentosa, elegante. Como crescem depressa os filhos... Daí a mais um pouco, ela estaria pensando até em casamento. E tinha tudo para ser a perfeita esposa de um diplomata, um jovem advogado de futuro, o filho de um industrial.

Mesmo antes de fazer o pedido ao garçom, enquanto a observava entretida a estudar o cardápio, Cavalcanti Sampaio percebeu que Olívia estava tensa. Devia ser importante o motivo que a fizera pedir esse encontro fora de casa.

Desconfiava do que se tratava: vários amigos que tinham filhos na mesma idade já lhe haviam dito que ele não conseguiria manter por muito tempo aquela sua firme decisão de não dar um carro a ela. E ele até concordava que a menina merecia. Porém não pretendia ceder. Mesmo se nadasse em dinheiro, tinha certeza de que na educação de um jovem é fundamental que as coisas não cheguem fáceis. Mais importante que o conforto é aprender a construir e conquistar o que se quer. Quando ela estivesse trabalhando e pudesse pagar as prestações, ele teria muita alegria em ajudar na compra do veículo, responsabilizando-se pelo pagamento da entrada. Mas gostava demais da filha para estragá-la com mimos. Acreditava nela, não tinha dúvidas sobre seu talento, sua inteligência, sua capacidade.

Ao lado da mulher, sempre tinham apostado numa filosofia mais liberal para criar as quatro filhas, baseada na confiança e na certeza de que elas iriam corresponder. Ao contrário das ordens autoritárias com que fora criado, preferia o caminho da conversa, das explicações, da paciência – e sempre dera certo, as meninas entendiam e eram razoáveis, mesmo que às vezes ficassem de cara amarrada e reclamando durante algum tempo. O importante era fazê-las perceber que os pais não pretendiam dominá-las e impor sua vontade, apenas tinham mais experiência, podiam julgar melhor o que convinha a suas vidas. Um dia elas seriam mães e então os compreenderiam plenamente.

Mais uma vez, ocorreria agora esse processo de transformar um conflito em aceitação, ele estava seguro. Por mais que Olívia pudesse querer um carro, e viesse com a argumentação de que a faculdade ficava longe ou que muitas colegas tinham automóvel, teria de aceitar a realidade.

De qualquer modo, ia deixar que ela tocasse no assunto. Observar como argumentava, como expunha seu caso, construía sua defesa. Não deixava de ser um pequeno prazer de advogado.

Ela mal tocou na comida. Talvez porque o bife estivesse muito malpassado, insinuou ele.

– Não, não, estou mesmo sem fome, pai. Não devia nem ter pedido.

Desse mal, ele não sofria. Traçou valentemente uma bacalhoadada, ajudado por uma garrafa de vinho verde português.

Quando o garçom levou os pratos e ambos recusaram qualquer sobremesa, a filha ainda não tinha falado. De olhos baixos, passava o dedo sobre os

desenhos do adamascado da toalha engomada, sublinhando de leve flores e volutas.

Ele resolveu ajudar:

– E então, minha filha? O que é que você estava querendo conversar?

Jorrou tudo de uma vez, numa voz que vinha vencendo obstáculos desde o fundo da garganta:

– Pai, eu conheci um rapaz, a gente se ama e estamos querendo ficar juntos...

Não era bem o que ele esperava. Tentou ganhar tempo e tomar pé na situação:

– Muito bem... Quem é ele? O que é que ele faz?

Achou melhor começar logo a dar uns conselhos, não ficar apenas nas perguntas:

– E antes de pensarem em casar, é bom se conhecerem melhor. Nem sempre uma pessoa por quem ficamos encantados na primeira impressão vai depois...

– Pai, não é uma primeira impressão – interrompeu Olívia. – A gente está mais ou menos namorando há uns dois anos... Já deu para conhecer bem e ter certeza.

A moça deu um suspiro e esclareceu:

– E eu não falei em casar. Nós queremos viver juntos, mas não podemos casar. Ele já é casado.

Apunhalado. Por quem menos esperava.

Não podia ser verdade.

Sentindo o sangue subir, olhou para a filha. Encontrou o olhar dela sustentando o seu, ainda que por trás de lágrimas que mal conseguia reprimir. Cavalcanti Sampaio nunca se sentira tão traído. Então era assim que Olívia correspondia à confiança que ele depositara nela... Dois anos de namoro escondido. Amante de um homem casado. E sempre com aquele arzinho inocente. Pai de uma sonsa, quem diria. Mas isso não ia ficar assim. Ia dar uma lição ao miserável. Primeiro, tinha que saber quem era, conseguir o máximo de informações possível sobre o patife.

– Ele trabalha em publicidade... Mas o que ele é mesmo é um artista, pai. Um excelente pintor.

Sabendo das posições políticas progressistas do pai, a moça acrescentou:

– É de uma família de espanhóis exilados. Tem vinte e oito anos, veio para o Brasil quando era pequenininho...

Filho da puta! Publicitário esperto! Ainda se anuncia como um artista romântico e perseguido político! Um gavião em cima da minha pombinha, isso sim. Tenho que dar um jeito nisso, proteger minha filha.

Ela continuava, meio hesitante diante do silêncio paterno, tratando de ser parcimoniosa no que dizia, afinal não sabia de que lado o vento ia soprar.

De repente, o pai fez uma pergunta:

– E ele vive sozinho? Com os pais? Com algum amigo?

– Bom, ele ainda está vivendo com a família, mas está procurando um...

– A família? Que família?

– A família dele, pai. A mulher... e a filha.

Um sinal para o garçom. Pedido de café. Já novamente senhor da situação, Demócrito Cavalcanti Sampaio dá seu veredito:

– Minha filha, se vocês estão namorando há dois anos e esse homem ainda mora com a mulher e a filha, ele não te merece. E não te ama de verdade, isso tudo é só uma conversa para te seduzir.

– Pai, você não entende, não é nada disso. A gente não namorou esse tempo todo. Pelo contrário, fizemos todo o possível para evitar, para não nos envolvermos. E ele é muito respeitador, nunca aconteceu nada... Nós nunca fomos para a cama, se é isso que você está querendo saber. Mas agora resolvemos que queremos estar juntos.

Respirou fundo e enfrentou:

– E mesmo que você não aprove, eu vou viver com ele.

Com a mesma determinação, ele atalhou:

– Então não temos mais o que conversar. A partir de hoje, só tenho três filhas. A mais velha morreu. Garçom, a conta!

Demorou alguns minutos. Ficaram em silêncio.

Olívia sabia que o pai não voltaria atrás espontaneamente. Tentou mudar o clima da conversa, enquanto esperavam o troco.

– Pai, me desculpe, não fique assim, tente compreender.

– Compreender? Como? Se eu acabo de descobrir que foi isto o que eu ganhei sendo compreensivo... Achando que você era digna da minha

confiança... Nunca me decepcionei tanto com uma pessoa. Minha filha querida, de quem eu me orgulhava tanto... A menina por quem eu sempre fui capaz de botar a mão no fogo, que eu jurava que não mentia para mim. Será que nada disso valia nada? Quantas vezes você mesma me disse que os pais de suas colegas eram diferentes, não confiavam nelas, nem mereciam sua confiança...

O tom de desapontamento na voz do pai bem que fazia efeito. A moça se sentia diminuir. Mas respirou fundo, lembrou que já esperava essa reação, e ficou firme, enquanto ele continuava seu discurso de pai amantíssimo e compreensivo, traído pela filha ingrata:

– Mas eu sempre compreendi. Sempre, sempre... Em qualquer circunstância, vocês sempre puderam ter a certeza de que contavam comigo lá em casa. Mesmo quando sua mãe não compreendia, quando ela achava que vocês precisavam de uma disciplina mais dura, quem foi que sempre acreditou que conversando dava para a gente se entender? Sempre eu. E olhe só no que deu. Foi bom para eu aprender...

Ele não parava nem para respirar, as frases fluíam, na retórica confiante de quem estava profissionalmente acostumado a encadear um período no outro, a argumentar e apelar para as emoções, até convencer os outros:

– E eu que achava que às vezes sua mãe tinha uma certa rigidez provinciana, coisas das origens dela, de cidade pequena, e que precisávamos ser mais modernos, acompanhar o nosso tempo... Compreender, enfim. Mas foi nisso que deu tanta compreensão. Fiz o papel de palhaço. Ridículo. Meus amigos vão rir de mim pelas costas. Fui bancar o avançado, vejam só onde eu vim parar. Já imaginou a cara do seu tio Aurélio? Lembra que ele sempre disse que o único jeito de se educar quatro filhas é num colégio interno, de freiras?

Ela teve a presença de espírito de responder:

– Estou lembrando é de outro tio, papai. Seu irmão, meu tio Artur, que está num segundo casamento, e muito feliz.

– Mas ele é homem, é muito diferente. Além do mais, teve um primeiro casamento que foi um horror, coitado. Mas não ficou nessa vida dupla. Nada disso. Saiu de casa e se desquitou. Só depois foi que conheceu a Fátima.

– O Miguel vai se desquitar...

Deus do céu, como podia ter gerado uma filha tão boba? Caindo nessas conversas...

– Ah, vai, é? Pois já teve bastante tempo para isso, em vez de ficar só fazendo promessas e se aproveitando da ingenuidade de uma moça sem maldade...

Olívia se sentia cada vez mais acuada por aquele pai irredutível. Mas estava disposta a argumentar até o fim:

– Pai, se você mesmo reconhece que não tenho maldade, será que não dá para a gente conversar sem você ficar tão furioso? Se não tem nenhuma alternativa, se é para ficar assim o tempo todo, você dizendo e repetindo que eu não sou mais sua filha, então pense bem: eu podia ter fugido de casa de uma vez, ido viver com ele, nem falar com você. Mas não fiz isso, estou aqui, frente a frente, tentando me explicar... Não é possível que a gente não consiga se entender.

O pai ignorou o comentário e prosseguiu:

– E na minha profissão? Como é que vou defender publicamente os valores morais em que acredito, quando não fui capaz de fazer com que valessem debaixo do meu próprio teto? Nem ao menos consegui impô-los em casa, inculcá-los em minha própria filha...

– Não exagera... Não precisa ficar assim, não é justo.

– O que não é justo é você fazer isso com os outros. Causar um mal desses a pessoas inocentes. Como é que pode não ligar a mínima? Nem se incomodar com a mulher dele, a filha... Isso é que não é justo...

– Pai, esse casamento não dava certo desde o começo, foi um equívoco.

– ... não é justo com você mesma, que vai estragar a sua vida com um sujeitinho que não te merece, que nem ao menos teve a hombridade de te preservar dessa situação, ou conseguiu ter a certeza dos próprios sentimentos ao ponto de romper com tudo de uma vez, partir da estaca zero e se fazer disponível para um futuro com você...

– Não é tão simples assim.

– ... e não é justo com suas irmãs.

Esse argumento foi inesperado. Olívia mais ou menos ensaiara mentalmente toda a conversa antes. Mas para isso não viera preparada.

– Minhas irmãs, como assim?

– Claro! Eu e sua mãe tínhamos um compromisso tácito com vocês quatro, de confiança. Você, a mais velha, rompeu esse compromisso na

primeira oportunidade que apareceu. E isso atinge a todas. Ou você acha que vou continuar a educá-las da mesma maneira depois disto? Se acha, pode tirar o cavalinho da chuva. Porque não vou mesmo.

O que argumentar nessa hora?

– Papai, faz favor, essa não... Isso é chantagem emocional.

– E não me chame de chantagista. Não faltava mais nada. Eu sou seu pai! Não admito que me fale assim.

Com um sorriso por entre as lágrimas cada vez mais difíceis de controlar, ela tentou brincar:

– Pensei que tinha desistido desse negócio de ser meu pai...

Ele sorriu de volta, meio cúmplice:

– Se você não desistir também de ser minha filha, ainda estou disposto a tentar mais. Você sabe que sempre gostei de jogar na loteria... Lembra do *slogan* daquele reclame? “Loteria federal. Não desista, insista.”

Salvos pelo humor. Entre sorrisos ficava mais fácil. Saíram do restaurante abraçados, embora um tanto machucados. Marcaram outra conversa para daí a quatro dias.

No primeiro, Olívia flagrou a mãe, meio chorosa, se informando ao telefone sobre internatos que aceitassem meninas pequenas. Onde elas pudessem ficar direto, sem sair nem para passar o fim de semana em casa.

No segundo, teve uma discussão feia com Miguel, que ridicularizava Cavalcanti Sampaio, fazendo uma caricatura da conversa que ela contara. Para completar, o rapaz ainda se zangou de verdade, levantou a voz e disse que não admitia que, a essa altura da vida, um pai alheio viesse impor regras sobre como ele devia se conduzir.

No terceiro, Olívia teve um acesso de choro de repente, ao ver as irmãs menores rindo, entretidas numa brincadeira. Com o coração apertado de tanto amor por elas, ficou se achando uma monstra ao constatar as consequências que sua decisão teria sobre a vida futura das meninas.

No quarto dia, almoçou outra vez com o pai, em outro restaurante.

Ele veio com um tom diferente. Mais conciliatório. Propunha que adiassem a decisão para daí a seis meses. Em contrapartida, a moça deveria prometer que nesse meio-tempo iria cortar qualquer contato com Miguel, para poder pensar com isenção.

– Não sei se consigo, pai. Já tentamos várias vezes. A gente termina, se encontra de novo, acaba voltando.

– Então eu te mando estudar um tempo no exterior. Assim fica mais fácil? Mas promete que não vai ficar escrevendo nem falando com ele. Olhe lá, hein? Vou confiar em você...

– Só uma vez, para despedir...

O pai não queria, mas acabou cedendo. O encontro foi agrídoce. Banhado de romantismo e carinho, mas encharcado de ressentimento e ironia por parte de Miguel.

– Você que gosta tanto de poesia... Até parece que anda confundindo os personagens.

– Como assim?

– Tem o nome de Olívia, mas devia dizer a fala de Viola.

– Não entendi.

– Você não disse uma vez que tem esse nome porque seus pais gostavam da *Noite de Reis*, do Shakespeare? Pois então, não é Olívia, mas Viola quem diz que é todas as filhas do pai ao mesmo tempo. Só que o contexto é outro. E esse seu contexto é ridículo. A esta altura, se sacrificar e abrir mão da própria vida para ceder a uma chantagem envolvendo as irmãzinhas... Francamente, Olívia, não é digno de você, de sua inteligência, de sua racionalidade.

Miguel tinha razão, e ela sabia. Mas não estava numa batalha de razão. Aquela história toda com o pai era totalmente irracional, paixão pura. Não havia o que discutir nem argumentar. O jeito era ganhar tempo e se fortalecer. Cumprir sua parte do acordo e depois confrontar a família com o fato irrefutável de que não era um afastamento de seis meses que a faria desviar-se de seus propósitos.

Esgotado o prazo, na volta ao Rio, antes da nova conversa com o pai, Olívia resolveu se dar um encontro “por acaso” com Miguel, na abertura da exposição de um amigo, onde tinha certeza de que ele estaria. Avistou-o de longe, logo que entrou no salão. Ele estava com o braço por cima do ombro de uma moça bonita, de cabelos compridos e olhos muito maquiados. Mas assim que viu Olívia, largou tudo, chegou perto, tomou-a pela mão e saiu da galeria com ela, rumo a um bar.

Estavam emocionados, não sabiam bem o que dizer. Ele contou que saíra de casa logo que ela viajou, e que estava mais ou menos envolvido com a moça da galeria, uma colega pintora, tentando ver se esquecia Olívia, mas tudo isso desabara quando a vira.

– E você está morando onde?

– Bom, voltei para casa há pouco tempo, quer dizer, nunca saí inteiramente, eu ia sempre lá, visitar a Tininha, dar um apoio à Mabel, e... Bem, acabou acontecendo.

– O quê? – perguntou ela, curiosa.

Fiel a seu feitio direto, de não mentir nem ficar rodeando, Miguel foi direto ao que importava:

– Não vou esconder: eu vou ser pai de novo.

– O quê? – repetiu Olívia, desta vez numa pergunta feita de puro espanto e alguma decepção.

– A Mabel está grávida. Mas a gente sabe que é uma coisa que aconteceu, assim meio por acaso... Não quer dizer que eu esteja voltando para ela. Eu até contei que você existia, que ia voltar daí a um tempo, e então a gente ia ver como ficava...

– É... Vamos ver.

Não dava para se enganar. Agora Olívia tinha uma distância para ver melhor. A segunda conversa com o pai nunca aconteceu. Não foi necessária.

Estava mais velha. Bem mais que seis meses mais velha. Ou que os dois anos e meio que a separavam da excursão à Bienal. Não ficava mais brincando com palavras.

Agora, se Olívia quisesse, até conseguiria acabar o poema, olhando as irmãs que ainda brincavam, ocupadas em vestir uma boneca, sentadas no tapete da sala. Mas constatava que não valia a pena. Descobria que aquele malabarismo verbal todo era uma bobagem, um mero joguinho de palavras, nem ao menos merecia ser chamado de poema. E ela era até capaz de achar graça e rir de si mesma, ridícula, a querer se ver como todas as filhas de seu pai, igualzinha à Viola de Shakespeare.

Melhor contentar-se com menos. Ser apenas Olívia. Simplesmente, pensar nas irmãs. Nada mais.

Viola Vela. Modesto Feito.

OK, você venceu

OK, VOCÊ VENCEU...

De goleada. Foi tudo exatamente como você quis. E ninguém pode dizer que você a traiu, Vicente.

Se agora a Franca se achar enganada, é claro que enganou a si própria porque quis. Culpa dela mesma, que a esta altura da vida, mulher madura, já tinha a obrigação de não ser ingênua.

Foi tudo sempre claro e transparente. De acordo com o pacto. Tudo conforme o que já vinha sendo discutido e conversado entre vocês dois ao longo de quase vinte anos. Amor não pode ser prisão. Um não é dono do outro. Todo mundo é sujeito a uma tentaçõzinha de vez em quando. Acontece e não tem nada demais. É natural. Uma transa ocasional não tira pedaço. É só manter o respeito. Ter consideração e não humilhar o outro. Não ciscar no terreiro comum. Não se expor aos amigos e conhecidos. Não alimentar intimidades. Não confundir tesão com clima amoroso, como mulher tem mania de fazer – isso, por exemplo, foi coisa que você explicou a ela várias vezes, na maior paciência. Transa de uma noite, vivência de liberdade. Importante era variar bastante para evitar repetições, hábitos e a sensação de posse ou direitos adquiridos por parte de uma eventual parceira. Ou parceiro. Nada de relações paralelas, isso jamais. Mandamentos simples. Na maior clareza. Com todo o carinho e cuidado de evitar situações que pudessem ferir o outro.

Sempre deu certo. Você nunca deu uma de machista, exigindo todos os direitos exclusivos. Sempre entendeu que era um trato igual, de parte a parte. Sem demanda de exclusividade. E ela nunca te afrontou. Discretíssima. Nunca criou caso com suas escapadas. E, nas dela, jamais deu margem a que alguém pudesse fazer um comentário gozador sobre você. Corno, não. Moderno. Um casal que construía uma relação em que o amor verdadeiro inclui ser razoavelmente livre e admiravelmente honesto.

Desde que houvesse respeito mútuo, dava para você e Franca serem cúmplices leais, como sempre foram. Correndo riscos, de parte a parte. Isso era

do jogo. Mas galopando dentro dos limites da sensatez. E da ética, evidente, esse sempre foi um dos orgulhos supremos. Só menor do que a certeza do amor, na liga bem temperada que deu solda.

Importante não mentir. Saber que, se houvesse algo a saber, o outro sempre era o primeiro. Aliás, primeiro em tudo. Prioridade total nas escolhas. Não precisava sair contando, dando detalhes. Mas às vezes valia a pena descer a algumas minúcias. Ainda mais porque era justamente um ou outro desses detalhes que depois dava um gostinho muito especial aos novos encontros entre vocês dois na cama. Como descrever uma fantasia ou narrar um sonho erótico. Mas o combinado nunca foi chegar e ir contando tudo, espontaneamente, como quem se gaba e joga na cara do outro. Não, sempre foi muito delicado e amoroso. Só não podia mesmo era mentir – aí é que estaria a traição. Se houvesse perguntas, jamais faltar à verdade.

Quem mandou a Franca não perguntar?

Se tivesse perguntado, teria sabido logo.

Mas também não fazia mal, era só uma repetiçãozinha à toa. Borbulhante mas sem embriagar. Nada de champanhe. Apenas um suco saboroso e perfumado. Leve. Um refresco. Refrigerante. Com gosto de travessura infantil e festa de aniversário. Quem bebe grapete repete.

Não tirava pedaço. Nem tirava nada da Franca. Dessa vez foi uma exceção, mas a situação era diferente. Fugia à regra. Vocês dois não estavam mesmo podendo transar por umas semanas. Primeiro, porque ela estava no hospital. Depois, tinha todo aquele pós-operatório complicado, cicatriz, risco de infecção. E talvez ela nem mesmo fosse ter mais tesão nenhum, como é que um homem pode saber o que acontece com uma mulher de meia-idade quando tem que tirar o útero? Mexe com os hormônios todos. Era capaz de ela nem sentir falta.

E tinha também o seu lado, Vicente. Não dá para esquecer. Um homem tem de levar isso em conta. Afinal, você não passara por nenhuma cirurgia e, depois da visita à convalescente, saía leve e solto por esta cidade tentadora. Em pleno verão. Naturalmente louco para exorcizar aquele clima de hospital e aproveitar muito enquanto não chegasse a eventualidade de também ter que um dia sofrer uma operação nessas áreas delicadas – bate na madeira e vira essa

boca para lá. Esses momentos de ameaça à saúde e proximidade com a morte fazem a gente pensar besteira. Passa fora, xô!

Quem mandou a Franca não controlar?

Com ela de volta em casa, complicou. A Kelly telefonava, exigia malabarismos, esgueiradas, saídas súbitas, voltas tardias. Puxa, Vicente, como foi que você aguentou driblar tanto? Claro que ficou tenso, irritado, de mau humor. Coisa que, aliás, era um ótimo pretexto, como você logo descobriu. Era só ficar bem implicante, bancar o insuportável, criar um caso, dar umas boas broncas, e sair para espairar. A saída dava até alívio doméstico. Mais um pouco, a própria Franca estaria sugerindo que você fosse se distrair um pouco, aliviar o estresse.

Também, quem mandou a Franca não desconfiar?

Estava muito bom. Muito bom, não, ótimo! Para você, claro. A não ser por um vago remorso, essa coisa de culpa, invenção da sociedade judaico-cristã. Mas de leve. Dava para aplacar com a certeza de que você não estava traindo. Fazia parte do jogo, estava dentro do combinado. Afinal, vocês dois tinham um pacto e ela não perguntara nada. Então você não precisava mentir.

E tem mais, talvez até a Kelly tivesse razão: vai ver que essa confiança cega da Franca era desamor, prova de que, no fundo, não ligava para você. Quem ama controla. Cuida do que é seu. Onde já se viu uma mulher ter um homem como você e deixar correr solto? E vai ver que a Kelly também estava certa em outra coisa: talvez você também não amasse mais a Franca. Era só hábito, interesses econômicos comuns, mesmice. Podia ser que aquela história do tesão ter mudado por causa do tempo (e daquela intimidade prosaica de pós-operação) fosse mesmo só conversa fiada. Amor que é amor tem sempre um sexo do caralho. A toda hora. Pra vida toda. E é só isso o que segura um homem e uma mulher juntos.

Mas talvez não. Você ainda gostava muito da parceria com a Franca, do companheirismo sem condições, da amizade irrestrita, do humor cúmplice. Adorava conversar com ela, muitas vezes se divertia muito quando estavam juntos. E eventualmente até se surpreendia em sentir por ela tanto carinho que até dava um aperto no coração, um derretimento por dentro e um certo tesão. Diferente, claro. Mas inegável. Só dava para negar com malabarismos de

argumentos forçados, a tentar provar que ele não existia nem ia existir de novo nunca mais.

Era natural que você não quisesse perder nada disso, Vicente. Nem dum lado nem do outro. Que apostasse alto para manter tudo o que estava tendo. Que a certa altura decidisse correr o risco de contar a ela, para garantir que a revelação seria por sua versão amena e não pela súbita descoberta num flagrante, coisa que então seria imperdoável.

Valeu a pena. Porque você jogou todas as suas fichas nessa conversa, certo de poder contar com a confiança da Franca. E jogou bem, Vicente, porque não falhou. Ela esteve à altura da história de vocês e não o desapontou. Chorou muito, disse coisas agressivas, ficou abaladíssima, passou noites sem dormir. Mas em nenhum momento disse que você era um escroto ou um filho da puta, nem se achou traída. Magoada, sim. Com medo de te perder, sem dúvida. Mas traída, não. Disposta a entender para continuar sendo sua cúmplice.

– É uma merda, mas que jeito? Paixão é isso mesmo, a gente não manda nela, é um acidente que acontece, feito atropelamento. Você foi brincar com fogo, se queimou. Devia ter tido mais juízo. Agora a merda está feita.

– Mas não é paixão, é só uma brincadeira gostosa, sem futuro nenhum...

Dava para ver no olhar da Franca que ela não conseguia mais confiar em você como antes. Mas ficou firme. À altura do novo desafio.

– Vá viver isso, até consumir e gastar. Se não for, fica sempre o gostinho do proibido, e aí não tem jeito. Acaba durando mais do que precisava. Vamos, vá em frente. Saia de casa e encare morar com ela. Vá de uma vez.

Você podia ter ido. Mas teve medo, Vi Você podia ter idocente. Medo de pagar pra ver e enjoar da Kelly, ela às vezes enchia o saco mesmo. Pânico de perder a Franca na experiência. Onde ia encontrar outra mulher assim? Tratou de deixar muito claro que não tinha a menor intenção de se separar dela. Que ela continuava sendo sua prioridade total. Que você só queria mesmo era se divertir um pouco mais. Que sabia administrar perfeitamente a situação e ela podia confiar, deixar por sua conta. Que você garantia que ia manter vivo esse amor de tanto tempo, regado e adubado diariamente. Que viver com a Kelly não estava nos seus planos, de jeito nenhum. Seria insuportável. Pra começar, ela nem entendia você de verdade, seus anseios pessoais, suas fraquezas, suas

pirações, seus medos mais ocultos. E ainda por cima, era uma controladora – embora ótima companhia dos novos jogos sexuais secretos e inconfessáveis (mas confessados a Franca, na cumplicidade reiterada)... Dava para jurar à Franca que ia levar o andor com todo cuidado, como se fosse cristal.

Jurou.

Quem mandou a Franca acreditar em juras de amor a essa altura da vida?

Ela já adubava e regava tanto, com tanta compreensão, que vocês se arriscariam a afogar a plantinha frágil, se você ainda fosse manter o prometido e fazer o mesmo. Mas bem que você administrou, Vicente. Qualquer um reconheceria isso. Recusou o divórcio quando mais tarde a Franca falou no assunto. Onde já se viu, fazer partilha sem necessidade, só para proteger um casamento que não acabou? Como pai, você defendeu o patrimônio conjunto dos dois e dos filhos. Sem cair nos argumentos dela, mãe, que queria preservar era o matrimônio. Só mesmo quando a Kelly quis ter bens em comum com você, fazer uma sociedade numa empresa, foi que você achou interessante e mudou de ideia. Mas aí, a Franca também mudou de opinião. Desistiu do divórcio. Como quem não sabe o que quer.

Por algum tempo. Aguentou coisas que nem dá para imaginar. Sempre com aquele papo de respeito por você, carinho, cumplicidade, um monólito de ética. Inflexível e rígida.

Até que você criou novos hábitos. Pegou gosto por novas práticas. E partiu para novas brincadeiras com novas amigas. Tinha de ficar toda hora no telefone aplacando a desconfiada da Kelly, que de boba não tinha nada e controlava de perto, mantendo cabresto curto, chicote na mão, correia pronta. Mas até telefonemas viravam também uma nova forma de brincar. Divertido. Franca não tinha as suas brincadeiras? Fazia curso de cerâmica, almoçava e jantava com amigos a toda hora, saía para dançar, viajava sozinha.

Foi exatamente aí que você venceu, Vicente.

Venceu mesmo. Sem apelação.

E depois de passada a data do vencimento, perdeu toda a validade. Fim do prazo. Expirou sem apelação.

Franca acabou de constatar. Você ainda nem sabe. Foi hoje, agora mesmo, há pouquinho, num dia ensolarado de outono carioca. De entardecer dourado. Subitamente refletido no mel do olhar de um jornalista amigo, conhecido de

tantos anos, com quem ela já saíra algumas vezes, sem nem desconfiar dos novos tempos que se instalavam.

Mulher mais sem jeito...

Quem mandou não reparar no risco que estava correndo?

Estações

MAL CONTEVE UMA EXCLAMAÇÃO de surpresa ao abrir a porta. O homem alto e de ombros largos que estava à sua frente, vestido num sobretudo e de chapéu na cabeça, pouco lembrava o rapazola ainda desengonçado de que se despedira no aeroporto de outro país havia poucos meses. Com um nó na garganta abriu os braços para acolhê-lo:

– Meu filho!

Inexplicavelmente emocionado, achou que tinha de dizer mais alguma coisa para disfarçar, enquanto prolongava o abraço e se sentia inesperadamente acolhido pelo calor daquele corpo, por primeira vez maior que o seu:

– Puxa! Como você demorou! Eu estava começando a ficar preocupado...

O rapaz já se desembaraçava de seus braços, pegava a mala que depositara no chão para bater à porta, e entrava com ela no quarto do hotel, enquanto explicava que o avião atrasara e a fila do táxi no aeroporto estava imensa. Ao tirar o sobretudo, não o jogou de qualquer jeito em qualquer lugar, como certamente faria alguns meses antes. Procurou um cabide para pendurar o casaco, após depositar o chapéu sobre a cômoda. Só então se deixou despencar na poltrona, esticou as pernas e botou os pés ainda calçados em cima da mesinha. Com a inimaginável atenção de antes proteger a madeira com uma revista. E então suspirou:

– Que bom estar aqui com você! Eu estava morrendo de saudades. Ainda bem que a gente conseguiu fazer essa loucura...

A loucura era estarem ali reunidos numa cidade estranha, pai e filho, depois de quase um ano de separação. Cedendo ao impulso do que o afeto pedia, apesar da escassez de tempo e dinheiro. No dia seguinte, o pai teria que partir para Nova York a tempo de pegar no fim da tarde a conexão que o levaria de volta ao Brasil. E o filho tinha que refazer em sentido inverso o trajeto que mal acabara de cumprir, retornando de Montreal a Chicago, de lá em outro avião para uma cidade menor na costa oeste, onde deixara estacionado o carro com que enfrentaria duas horas de estrada para chegar de

noite à universidade, a tempo de dormir algumas horas e estar cedinho no dia seguinte a postos para fazer uma prova importante.

Mas teria sido inadmissível que estivessem no mesmo continente e não tivessem dado um jeito de se encontrar, ainda que apenas por um dia.

Celebrando o encontro, tomaram juntos um uísque, servido nos copos do banheiro, a partir do velho frasco de prata em estojinho de couro que o pai sempre levava em viagens. O filho comentou:

– Até parece mentira que eu estou aqui, no Canadá, com você, e bebendo desse cantil... Você sabe que, desde pequeno, eu sempre tive a maior admiração por essa garrafinha? Essa caixinha prateada com gargalo e tampa de rosca, que você enchia de conhaque ou uísque e levava no bolso quando ia viajar... Para mim, era uma espécie de troféu importante. Símbolo de pai, sei lá.

– Pois se gosta tanto, fique com ela – disse o pai lhe entregando o objeto. – Daqui para a frente, com toda a certeza vai viajar muito mais do que eu.

O filho ficou completamente sem jeito com o presente. Por um lado, não queria privar o pai do seu pequeno e inseparável cantil. Por outro, percebia no ato quase um ritual de passagem, que o tocava de forma sutil mas intensa. Agradeceu e acrescentou, algo constrangido:

– Não sei se eu tinha direito de usar isso antes de ter minha própria família e ser pai. De alguma forma, para mim essa garrafinha era a encarnação mais completa do mundo adulto, da licença para beber uma bebida alcoólica forte e pura quando bem entendesse. Da autoridade de resolver quem podia tomar um golinho misturado no café quando estava muito frio... Coisa de gente grande. E de homem, de quem dá as ordens, de quem sai pelo mundo em viagens perigosas, metido em guerra, revoluções e aventuras...

– Metido em trabalho, isso sim... Mas não sei bem se é coisa de gente grande, como você diz. Talvez seja mais é coisa de um cara duro, que veio de uma família humilde e tinha que lutar na profissão, pra garantir o leite da criançada. Tinha era que brigar dentro da redação do jornal, disputar pra conseguir as melhores coberturas... – evocou com um certo ar nostálgico. – E nem sempre as grandes reportagens consistiam numa entrevista feita no conforto de um salão acarpetado...

– Ou na simples repetição do que um porta-voz resolveu plantar na imprensa, do que uma autoridade deixou escapar entre dezenas de microfones

num corredor a caminho de uma reunião, ou do que as assessorias de imprensa distribuíram por escrito para todo mundo publicar igualzinho...

O pai encarou o filho e perguntou:

– Será que estou enganado, ou percebo uma ponta de desencanto com a profissão que você escolheu e onde mal começou a atuar?

– Talvez... – admitiu o jovem meio a contragosto, terminando com um gole grande o finalzinho da bebida.

– Mas que maravilha! – elogiou o pai, sincero. – Sem esse espírito crítico, você jamais ia ser um bom jornalista. Não sei o que você está aprendendo nesse seu curso, mas se deu para desenvolver essa sensibilidade para o mundo real, já valeu a pena.

– Não sei se é o curso, ou a viagem, a distância, o fato de ter ficado mais tempo sozinho com meus pensamentos... Mas ando mesmo querendo chegar mais perto das coisas de verdade, do jeito que elas acontecem e não da maneira que vivem querendo impingir à gente. Quase como se o maior aprendizado meu agora não tivesse que ser as matérias do curso, as coisas que estão nos livros, mas alguma coisa mais funda, a essência mesma do que existe, o... a... sei lá...

Ia dizer “o cerne” ou “o “âmago”, mas achou que eram palavras pedantes. Ficou procurando um termo, quando o pai atalhou:

– Isso mesmo, meu filho! Faro fino, olho vivo, ouvido atento. Atenção a qualquer detalhe que possa fazer diferença. Coisa de bicho que depende disso pra sobreviver. Estou gostando de ver...

Conversaram um pouco sobre a profissão, sobre a vida, falaram do futuro e dos últimos acontecimentos políticos. Numa pausa, o filho sugeriu:

– Vamos jantar? Estou ficando com fome...

– Ih! Quase perdemos a hora... Foi bom você lembrar. Pedi na portaria para fazerem reserva de uma mesa num restaurante que eles sugeriram. Mas com toda essa nossa conversa, me distraí e já ia esquecendo. Já estamos meio atrasados.

Saíram depressa e num instante estavam entrando no Seasons, o restaurante indicado, que ficava a menos de duas quadras do hotel. Foram conduzidos à mesa, estudaram o cardápio, fizeram os pedidos.

Enquanto aguardavam a chegada dos pratos, bebericavam um honesto vinho tinto da Califórnia e conversavam sem parar. Agora de modo mais objetivo. O pai queria saber de tudo sobre o curso do filho, seus amigos, o dia-a-dia da vida que estava levando. O rapaz, por sua vez, o enchia de perguntas sobre a família, pedia notícias da mãe, deliciava-se com as histórias dos irmãos menores, queria saber dos amigos, do que estava acontecendo no Brasil.

Num dos intervalos da conversa, olhou em volta e, confirmando sua vontade de ser observador, reparou nos detalhes do ambiente.

Era um restaurante sem luxos nem pretensões, e de tamanho médio. Mas algo o tornava acolhedor e diferenciado. Após alguns instantes, o jovem chegou à conclusão de que esse diferencial estava na iluminação sabiamente dosada e bem direcionada. E em quatro imensos quadros abstratos, dispostos dois a dois em paredes opostas, trazendo cor e uma certa atmosfera a um ambiente bastante despojado.

Como andava saindo com uma artista plástica e indo muito a museus e galerias nos últimos tempos, vinha desenvolvendo sua capacidade de percepção visual. Algo lhe disse que aqueles quadros iam muito além de um simples elemento de decoração e passou a olhá-los com mais atenção, chamando a atenção do pai para suas qualidades. Nenhum dos dois era crítico de arte ou seria capaz de se meter a dar explicações para o que estavam apreciando. Mas ambos gostaram e reconheceram nas pinturas alguma coisa que falava àquilo que em outros tempos e situações talvez fosse chamado de suas almas ou seus espíritos.

– Até parece a obra daquela pintora brasileira... – comentou o pai. – ... aquela bem moça, que ganhou um prêmio na Itália e fez uma exposição grande em São Paulo... como é mesmo o nome dela?

– Mara Miranda – concordou o filho. – Parece mesmo. Mas é claro que não pode ser. Primeiro, porque não sei se ela é conhecida no Canadá. E depois, quatro obras dela deste tamanho estariam por um preço muito além do que um restaurantezinho desses poderia pagar para enfeitar o ambiente.

Os pratos chegavam. Os dois trataram de comer, enquanto continuavam a conversa, agora passando a discutir os rumos da economia e da política do momento e as últimas novidades do futebol brasileiro. Antes da sobremesa,

numa pausa, ao olhar em volta, o pai tornou a prestar atenção nos quadros. E disse:

– Eu estou achando que eles fazem um conjunto. Eu sei que não mostram nada, mas parecem ser quatro maneiras diferentes de ver a mesma coisa. Ou quatro momentos, sei lá...

– Mas é claro! São as quatro estações, o restaurante não se chama Seasons? Deve ser isso mesmo. Nem sei por que, eu antes tinha achado que o nome tinha a ver com tempero, *seasoning*.

– Também podia se referir à temporada, não é? Eles não falam em *season* para designar a temporada de ópera ou de esportes, essas coisas?

– E também o que chamamos de “tempo” de uma fruta. A época da colheita. Ai, que saudade, pai... Não esqueço nunca, quando eu era pequeno e ia à feira com mamãe, parecia um calendário: o verão era tempo de caju, manga e abacaxi, depois vinha o tempo de fruta-de-conde e caqui, depois o de tangerina e de morango... Quando uma fruta ia acabando, outra ia começando. Hoje em dia acho que não é mais assim. Botam tanto aditivo químico que tem tudo o ano inteiro.

– Mas acho que esses quadros são mesmo das estações do ano.

Ficaram olhando e tentando descobrir, pela cor, pelo clima, a que estação corresponderia cada pintura. Não tiveram muita dificuldade, havia em cada uma diferentes elementos que evocavam calor e frio, abundância e escassez, recolhimento e expansão. Era apenas uma questão de olhar bem, sentir e ver.

– Deve ser isso mesmo. Antes de sair vou conferir para ter certeza – disse o pai. – Todos eles têm um nome escrito em baixo.

Mudou de assunto:

– Vai querer sobremesa?

– Não, só um café. E você?

– Nem isso. Essa gente toma um café horroroso, eu não aguento beber essa coisa aguada servida numa banheira...

– Pois eu aconselho. Tem uma máquina de espresso atrás do balcão – observou o filho, afastando a cadeira para se levantar e ir até o banheiro. – Peça um para mim, que já volto.

– Peço dois. E dois conhaques, para enfrentar o frio lá de fora na caminhada até o hotel.

– Ótimo!

Pouco depois, de volta à mesa, o rapaz confirmou:

– Os quadros são mesmo das estações. Olhei naquele ali e está escrito em várias línguas, até português: *Summer-Verano-Été-Estate-Verão*.

Depois de uma pequena pausa, o pai comentou, pensativo:

– Engraçado, eu nunca tinha reparado nisso... Em italiano e francês, os nomes do *verão* parecem formas do verbo *estar*. Como a própria palavra *estação*, aliás. Talvez isso queira dizer que o verão é o melhor jeito de se estar, o estado natural do ser humano.

– Não sei, não. Acho que não tem nada a ver.

Animado com a ideia que o fim de noite lhe trazia, o pai continuava:

– Ou o mais verdadeiro. Em latim a palavra para *verdadeiro* não era *verus*? Verdadeirão, verão. *Verano*. A hora de ser tudo à vera. Tudo o que vinha antes dele era só preparativo, ensaio, vinha antes da verdade. Primavera... O contrário do inferno que era o inverno. Ainda mais num lugar gelado como esta cidade em que estamos. Sorte nossa que, por enquanto, o outono mal está começando e amanhã nós dois já vamos estar longe daqui... Porque se meu trem tivesse que ficar parado nesta estação, nem sei...

Sorrindo, o filho ia reconhecendo o desabrochar de outra faceta típica do pai – a súbita vontade de brincar, de quebrar a seriedade com uma enveredada galopante pelos caminhos da pura galhofa. Não era um comportamento frequente. Mas quando ocorria, por várias vezes trouxera uma explosão de risos ao austero exercício da paternidade. Pelo jeito, o encontro prometia. Tinham pedido a conta e já iam sair dali, mas o rapaz reconhecia no ar os sinais de que aquelas próximas horas podiam virar uma grande brincadeira.

O garçom voltou sem a conta. Acompanhado de outro homem, de terno, que antes estava junto à caixa com ar de dono e agora parava em frente a eles, ouvia as últimas frases trocadas e, para sua grande surpresa, os abordava em português:

– O rapaz não trouxe a conta porque as despesas são por conta da casa. Os senhores são meus convidados. Faço questão.

Pai e filho se atropelaram na reação:

– Mas por quê?

– O senhor é brasileiro?

Em vez de resposta, veio outra pergunta:

– O senhor não esteve no interior de Minas, perto de Governador Valadares, há uns dez anos?

– É possível... Viajo muito.

– Possível, nada. Foi o senhor mesmo. Eu tenho a certeza mais absoluta. Nunca vou esquecer.

– Bom, pode ser, se o senhor tem tanta certeza... Mas ainda não sei que relação isso pode ter...

– Que relação? O senhor pode não saber, mas tem muita relação com minha vida. Se não fosse pelo senhor e pela sua mágica...

Pai e filho abriram a boca ao mesmo tempo, perplexos, repetindo:

– Mágica?

– Isso mesmo. Eu vi o número de mágica que o senhor fez e sofri um impacto enorme. Nunca mais fui o mesmo.

– Desculpe, mas deve estar havendo um engano – esclareceu o mais velho.

– Tenho imenso prazer em conhecer o senhor e encontrar um compatriota aqui tão longe, nesta terra gelada. Mas tenho certeza de que o senhor está me confundindo com outra pessoa e não posso aceitar sua gentileza de me dispensar da conta baseado nesse equívoco. Eu sou apenas um jornalista. Não sou mágico, nunca dei espetáculos em Governador Valadares, nem apresentei números espetaculares.

O dono do restaurante insistiu:

– Não adianta negar. E não foi em Governador, foi num posto de gasolina na beira da estrada, na saída da cidade. O senhor pode querer disfarçar e ficar incógnito, mas eu nunca vou esquecer sua cara. O senhor é o mágico dos ovos.

Já começando a achar que o homem era meio louco e talvez sua veemência não devesse ser contrariada, o pai disse:

– Confesso que não me lembro... De qualquer modo, muito prazer, mas precisamos ir andando.

– Mas é meu convidado! – repetia o outro. – Imagine se eu vou deixar o senhor pagar... O destino traz à minha casa o homem que mudou minha vida e eu deixo passar assim sem mais nem menos? De jeito nenhum! Quando eu chegar em casa e contar à minha mulher que hoje jantou aqui o homem que cozinhava ovo sem água, ela vai até...

– Espera aí! O que foi que o senhor disse? – interrompeu o rapaz – Ovo sem água?

E, virando-se para o pai:

– Você não lembra? Quando a gente foi para o casamento da Letícia...

Inicialmente apagada, a cena de repente se desenhava vívida na memória de ambos, ainda que os pontos de vista pudessem variar.

Tinham ido de carro até Governador Valadares, onde uma sobrinha/prima ia se casar no outro dia. Essa etapa foi daquelas típicas de “viagem de família repinica”, como se dizia na época. Pai, mãe e um dos filhos no banco da frente – então inteiriço em quase todos os carros – e o resto da criançada no de trás, cantando, implicando uns com os outros, se distraíndo com jogos que mal ajudavam a passar aquele tempo que parecia interminável. Não havia a garantia de restaurantes ao longo do caminho. Nesses casos, a previdência da mãe sempre levava um farnel, com frutas, biscoitos, alguns sanduíches e ovos cozidos. Assim, durante a viagem, foram comendo alguma coisa. Sobraram quatro ovos, ainda nas cascas. Quando chegaram ao destino e o pai foi esvaziar o automóvel, juntou num saco tudo o que ia para o lixo e separou os quatro ovos, guardando-os provisoriamente no porta-luvas do carro, onde acabaram passando a noite, esquecidos de todos.

No dia seguinte, era a grande festa do casamento, que seria celebrado numa fazenda dos arredores, com uma farta comilança mineira. Nova viagem da família repinica – mas desta vez num trajeto muito mais curto. Só que em estrada de terra batida. As quantidades de poeira levantadas pela caravana de automóveis davam a sensação de um tempestade de areia no Saara. A visibilidade para dirigir ficou muito comprometida, as crianças começaram a tossir e a reclamar, o menorzinho chorava com sede, a mãe se queixou de garganta seca. O pai então, alertado por um círculo vermelho prometendo Coca-Cola, resolveu parar num posto de gasolina na beira da estrada e patrocinar uma rodada geral de refrigerantes. Não apenas para aliviar o mal-estar de todos, mas também para dar tempo a que os outros carros ganhassem alguma distância e parte daquela poeirada assentasse.

Junto ao posto, havia um misto de birosca e botequim, literalmente às moscas. Centenas, milhares delas. Lentas, pesadonas, insistentes no meio do calorão. Pousavam na pele suada e ali ficavam, grudadas, com preguiça de

levantar voo, por mais que todos se abanassem. Sobre o balcão, uma camada de gordura garantia que água e sabão eram algo inteiramente desconhecido daquela prancha de madeira. Dentro de uma caixa de vidro, salgadinhos sebentos esperavam os incautos enquanto serviam de campo de pouso para meia dúzia de moscas que tinham conseguido se infiltrar na vitrina. No chão, duas ou três galinhas que passeavam pelo meio das pernas dos fregueses foram rapidamente enxotadas para o terreiro pela dona da venda, mas os montinhos de titica depositados não deixavam que sua passagem fosse esquecida.

Nesse quadro, um dos irmãos se queixou:

– Estou com fome!

Outro logo engrossou o coro, e começaram a olhar com cobiça para os suspeitíssimos pastéis e uma linguiça dependurada de uma prateleira, salpicada de moscas. Percebendo que não conseguiria escapar de dar alguma coisa para as crianças comerem, a mãe olhou as galinhas ciscando em volta e fez uma sugestão à vendedora, em nome da higiene:

– Será que a senhora não tem uns ovos fresquinhos que possa cozinhar para as crianças?

Na teoria materna, ovo cozido era comida com garantia de limpeza – fervida e em embalagem inviolável. E depois que a mulher mandou um menino lá dentro buscar os ovos e botou uma água para ferver numa panela, todos se dispersaram ligeiramente enquanto esperavam. A mãe foi ao banheiro com uma filha, o pai andou até o carro, os outros irmãos ficaram por ali, trocando olhares com um bando de crianças que os contemplavam com indisfarçável curiosidade.

De repente, voltaram ao mesmo tempo o pai e o menino com uma cestinha de arame, em forma de galinha, com meia dúzia de ovos dentro. Atrás do balcão, a mulher esticou o braço para segurar a alça da cesta, mas o pai a interceptou e perguntou:

– O que a senhora vai fazer?

– Vou cozinhar os ovos, claro! Não foi isso o que a sua senhora pediu? A água já está quase levantando a fervura...

Muito sério, o pai se mostrou espantadíssimo:

– Mas vocês aqui ainda usam esse jeito antigo de fazer ovo cozido?

A filharada logo reconheceu a sutil mudança no tom de voz que acompanhava o leve brilho do olhar paterno e anunciava uma brincadeira. A mãe misturava um certo ar de censura com um encantamento antecipado pela piada que sabia que o marido estava preparando, mas não desconfiava como seria. Os outros espectadores arregalaram os olhos e ficaram imóveis, na expectativa. A vendedora venceu a paralisia do primeiro momento de perplexidade e respondeu com outra pergunta:

– E existe outra maneira de cozinhar ovos?

Rapidamente, o pai começou sua demonstração. Igualzinho a quando fazia mágicas para os filhos, escondia moedas e pequenos objetos, fazia que desaparecessem da mão e reaparecessem atrás da orelha de um ou no meio dos cachos de outra. Falava muito, gesticulava depressa, e num instante já tinha pegado um dos ovos da cesta e o manipulava com cuidado, passando-o de uma mão para outra, soprando nele e, finalmente, o segurou debaixo de um braço, que passou a agitar como se fosse uma galinha batendo a asa, enquanto cacarejava:

– Cocorocó!...

Em seguida, retirou o ovo da axila, bateu de leve com a base da casca sobre o balcão e o passou para a vendedora:

– Está pronto! Pode descascar...

Enquanto ela, espantadíssima, ia retirando os pedacinhos da casca e constatando que o ovo estava realmente cozido, ele já recomeçava a operação, novamente recorrendo à cestinha e ao arsenal de gesticulação, à medida que anunciava:

– Lá no Rio de Janeiro ninguém mais usa água para ferver ovo, onde já se viu? Isso é coisa de antigamente... Esse novo processo é muito mais rápido, mais econômico, mais sequinho. Realmente muito prático. O ovo fica cozido no calor do sovaco e na energia do cacarejo. Vamos, me ajudem todos com o cocorocó...

O coro infantil foi poderoso:

– Cocorocó!

– Pronto! Mais outro ovo no ponto de descascar...

E passou ao seguinte. A esta altura as crianças locais já estavam quase encostadas nele, de boca aberta, prontas para o próximo cocorocó. Pelo jeito,

seriam capazes de assistir a horas daquele espetáculo, dúzias de ovos passando por aquele processo. Mas depois da quarta demonstração, o pai decretou que bastava, os menores já estavam comendo, não podiam demorar, tinham hora marcada e ainda muito chão pela frente. Pagou a conta dos refrigerantes e dos ovos, despediu-se e voltou para o carro com a família. Assim que fecharam a porta, retirou dois ovos de cada bolso do paletó, com todo cuidado e deu para a mulher guardar no porta-luvas:

– Vê lá, hein? Não vá me sujar tudo aí dentro. Calça bem aí com essa flanela, para não quebrar...

– Para que a gente tem que levar isso? Por que você não deixa os ovos aí com eles?

– E estragar o efeito da minha mágica? De jeito nenhum... Depois a gente tira daí.

Saíram todos rindo, enquanto o pai explicava que tinha lembrado que a sobra do farnel da véspera estava no porta-luvas e viera pegar, mas não resistira à brincadeira quando voltou e quase esbarrou no menino com a cestinha... Seguiram viagem, foram para o casamento, e nunca mais tinham lembrado do episódio.

Agora, em outro país e outro clima, num restaurante a que pai e filho foram por acaso, aparecia um brasileiro evocando aquela manhã de calor e poeira e revelando:

– Eu era aquele menino que foi buscar os ovos no galinheiro, mas o senhor não pode mesmo me reconhecer...

Sem graça, o pai começou a se explicar:

– Era só uma brincadeira, eu não fiz por mal.

– Eu sei, hoje eu sei... Mas na hora, a gente achou que era verdade. Passamos o dia tentando. Nunca dava certo. Quanto íamos quebrar o ovo, estava sempre cru. Ficamos experimentando deixar mais tempo no sovaco, bater as asas mais vezes, gritar cocorocó mais alto, mas não tinha calor nem energia que resolvesse. Acho que quebramos todos os ovos da vizinhança antes de começar a desconfiar que o senhor estava gozando com a nossa cara.

– Desculpe, eu não podia imaginar... Jamais tive a intenção... Acredite... Eu...

– Não, não, por favor... O senhor não deve se desculpar – atalhou o dono do restaurante. – Deixe eu contar o resto da história. No primeiro momento, quando eu descobri, fiquei furioso, com raiva mesmo. Depois, a raiva virou vergonha. Como é que eu podia ser tão ignorante, tão trouxa, tão idiota? Como se vivesse trancado num quarto sem janela. Como é que não vi logo que aquilo não era possível? Como é que eu acreditava no primeiro sujeito que aparecia, só porque ele estava vestido de terno, falando bonito e dirigindo um carro bacana, com placa do Rio de Janeiro?

– Me desculpe, me desculpe... – repetia o pai, baixinho, envergonhadíssimo com o rumo que a noite estava tomando.

Mas o homem parecia não ouvir e continuava:

– Passei a noite inteira me revirando na cama, sem dormir, e jurei que nunca mais ia deixar uma coisa daquelas acontecer comigo. De manhã cedo, peguei meu caniço e fui pra beira do rio pescar. Na verdade, queria era ficar sozinho, pensando. Mas a Marinete não deixou. Foi atrás.

Vendo que os outros o olhavam, explicou:

– A Marinete é minha irmã. Gente muito fina. Sensível, sabe como é? Parece que ela ouve e vê mais do que os outros, percebe mais, adivinha até o que vai acontecer. E ela não queria me deixar sozinho na beira do rio, porque tinha medo de eu pensar besteira. Aí chegou, sentou junto, foi começando a conversar. Não falou do senhor nem de nada que tinha acontecido. Falou do dia, do sol, da sombra da árvore, dos passarinhos, dos peixes, de tudo o que é bicho vivo, do rio. Daí a pouco eu fui entrando na conversa, falando numa vontade que eu tinha e nem sabia que tinha. Uma vontade de um dia fazer que nem aquele rio. Ir correndo sempre adiante, passando por um monte de lugar diferente, até ir dar no mar, que eu nunca tinha visto e não sabia como era. E depois?, a Marinete quis saber. E eu até hoje lembro que respondi pra ela que depois eu decidia, porque se eu conseguisse fazer isso já ia ter aprendido muita coisa e podia resolver a minha vida. Ela perguntou se eu estava com vontade de ir para o Rio de Janeiro atrás do homem (que era o senhor). Eu disse que não era nada disso, eu só queria ir era atrás de mim mesmo, mas um mim que fosse mais esperto e capaz de fazer coisas importantes, que naquele fim de mundo eu nunca ia conseguir, era tudo uma ignorância só, não tinha nem escola... Que eu não conseguia nem saber por que uma coisa daquelas tinha acontecido comigo.

Pai e filho ouviam o relato calados, sem saber o que dizer. O dono do restaurante continuava, embalado pela própria história:

– Aí a Marinete começou a dizer que não era isso que eu devia querer saber, que eu estava fazendo a pergunta errada. Mas que se eu fizesse a pergunta certa, ela também queria me ajudar a procurar a resposta. E que o que eu devia perguntar não era *por que* as coisas acontecem e a gente não entende, mas *para que* acontecem essas coisas que a gente não entende. E se eu quisesse sair de lá para tentar descobrir, então ela ia querer ir junto, sim. Que ela sempre quis ir mais longe, para ver o que tinha atrás dos morros. E saber para onde as nuvens iam e de onde vinham. E onde é que as cores do pôr do sol se escondiam quando ficava de noite. E uma porção de coisas assim, que eu nunca tinha pensado e a Marinete sentia como se a gente fizesse parte de tudo aquilo. Ela ia falando, sonhando acordada, e o mundo parecia tão grande, tão bonito, tão maior que um menino envergonhado por causa de uns ovos cozidos no sôco de um homem que passou... Então eu falei assim: “Por que você não pede pro pai deixar você ir? Quem sabe você não arruma um emprego em uma casa de família em Belo Horizonte?” Mas ela respondeu que não era nada daquilo, eu não estava entendendo, era muito mais. E que ela era mulher, o pai não ia deixar mesmo ela ir sozinha, que só se eu fosse... E a ideia foi entrando na minha cabeça. Bom, para encurtar: acabei saindo de lá daí a uns dias, com um motorista de caminhão. Fui parar no Rio, trabalhei de faxineiro, de garçom, de ajudante de cozinha. Assim que juntei um dinheirinho mandei buscar a Marinete. Ficamos os dois trabalhando de dia e estudando de noite, depois ela foi descobrindo os caminhos dela, eu fui melhorando de vida. Resolvi fazer o que uma porção de gente que eu conhecia tinha feito e acabei vindo trabalhar nos Estados Unidos. Trouxe a Marinete também, ela ficou um ano morando lá comigo. Acabei casando com uma canadense amiga dela, e vim parar aqui.

Deu um sorriso, mostrou o restaurante e disse, com evidente orgulho:

– Hoje, o senhor pode ver, não estou rico, mas estou bem. E resolvi ficar. Porque agora eu já sei responder à pergunta dela. Para que o senhor passou lá naquele dia e fez aquilo? Para me deixar com raiva e com vergonha, para me deixar insatisfeito e cheio de perguntas, com vontade de mudar. Para eu ver que estava trancado num quarto sem janela. Para eu querer escancarar tudo, abrir outros caminhos na minha vida, que eu nem imaginava.

Mais aliviado com a conclusão da conversa, o pai disse:

– Bom, fico feliz por ver que Deus, ou o destino, ou o nome que queira se dar a isso, acabou consertando um pouco a besteira que eu fiz. Porque agora foi a minha vez de ficar com vergonha...

– Acho que nós é que vamos sair daqui nos perguntando o sentido dessa coincidência. Nós viemos de longe passar um dia juntos, justamente nesta cidade e por acaso acabamos entrando no seu restaurante... – comentou o filho.
– Para quê?

– Para serem meus convidados, claro! Entendem agora por que eu não posso admitir que paguem a conta? Num restaurante vem gente de todo canto. Sempre achei que, se um dia o senhor entrasse por aquela porta, era porque eu tinha que lhe agradecer.

Despediram-se, o homem os ajudou a vestir os sobretudos pesados. Junto à porta giratória, logo antes de saírem, o filho não aguentou mais de curiosidade e fez a pergunta sobre o que o intrigara a noite toda:

– De quem são esses quadros?

– São da Marinete, claro! Quer dizer, Mara Miranda, como ela assina agora. Eu não disse aos senhores que ela veio estudar pintura em Nova York? Pensei que tinha dito. Pois veio. Ficou um ano. Quatro estações. E eu acho que ela encontrou aquelas coisas que vivia procurando: o que fica atrás dos morros, as nuvens que ainda não vieram ou já foram embora, as cores escondidas... Só que ela diz que não encontrou resposta nenhuma, mas agora desconfia para que vive perguntando. Mas disso quem não entende sou eu...

Pai e filho apertaram a mão do homem e saíram caminhando em silêncio pela calçada. Depois de poucos passos, exclamaram ao mesmo tempo:

– Mas que coincidência incrível!

Riram da nova coincidência, por terem falado juntos. O filho comentou:

– Quando você contar lá em casa, o pessoal nem vai acreditar...

– Pois é... A probabilidade de acontecer uma coisa dessas deve ser remotíssima. Sei lá... Como a história do homem que sai do trem por um minuto para caminhar na plataforma de uma estação numa cidadezinha de um país estranho, sente uma tontura, vai molhar o rosto, e quando volta do banheiro o trem foi embora com tudo dele a bordo, mas por causa disso encontra a mulher da vida dele.

Numa caricatura de oratória solene, o filho brincou:

– Ou seja, é infinito o que pode se esconder numa estação...

E passou o braço sobre o ombro do pai, puxando-o para si e reparando pela primeira vez que estava mais alto do que ele. Era bom, porque desconfiava que o velho a essa altura precisava desse apoio, de um consolo disfarçado, para apagar o restinho de vergonha da brincadeira tão remota. Coisa de menino levado.

Tratantes

NÃO DORMIU BEM. Acordou muito cedo, toda suada. O ar-condicionado não estava funcionando. Fazia um barulhão e não refrescava nada. O técnico já prometera umas duas vezes que viria e não apareceu. Igualzinho ao marceneiro que garantira vir logo ver a porta do armário e acabar com aquele rangido desagradável toda vez que se abria. Jacaré veio? Nem ele. A gente confia, espera, o tempo passa, não aparece ninguém. São todos uns tratantes. Incapazes de cumprir um compromisso.

Daí a pouco ia se levantar. Já estava sem posição na cama, virando de um lado para outro. Desde antes que os passarinhos começassem a cantar. Lembrou da neta e sorriu no escuro. Recordou como uma vez a menina lhe explicara que gostava de dormir em casa da avó porque, se acordasse antes de todo mundo, tinha muito passarinho no quintal para ouvir. Aí ela tinha certeza de que em pouco tempo clareava, porque já era cedinho. Em sua própria casa, ela nunca sabia se já era cedinho ou se ia demorar muito a amanhecer e até os pássaros estavam dormindo, porque ainda era cedão.

Pois nesse dia a avó acordara cedão, antes do cedinho. E cansara de ficar na cama sem fazer nada. Resolveu ler um pouco. Acendeu a lâmpada na cabeceira, pegou a Bíblia, abriu a esmo, como às vezes fazia. Teve o cuidado de abrir mais para o princípio do livro. Distraía-se mais com o Velho Testamento, aquelas histórias movimentadas, cheias de peripécias e traições.

Quando percebeu, já se passara um bom tempo. Chegava-lhe às narinas o chamado da refeição que Hermínia preparava na cozinha. O aroma do café fresco que se exalava do filtro de papel enquanto a bebida pingava na garrafa térmica. O perfume das laranjas recém-espremidas, que logo seriam refrescadas na geladeira. E o cheiro tentador do toucinho derretido na frigideira, à espera de que ela se levantasse e seu bom-dia desse o sinal verde para que dois ovos fossem fritos. Ovos com bacon, colesterol puro. Durante tantos anos Lídia se privara deles. Agora, de vez em quando deixava um bilhete para a empregada na véspera e se permitia de novo esse prazer guloso. Não era isso que ia importar a esta altura. Nada mais faria diferença, e ela sabia disso muito bem.

Levantou-se e foi lavar o rosto. Logo mergulharia na gema ensolarada o pão francês fresquinho e crocante, acabado de vir da padaria.

Antes de sentar-se à mesa, pôs os óculos, escolheu um CD (hoje Mozart), passou os olhos pela primeira página do jornal. O de sempre. Mas levou-o para a mesa. Gostava de ler os artigos de opinião, acompanhar um ou outro colunista. Quando Ernane era vivo, os dois conversavam sobre as notícias enquanto tomavam o café da manhã que ela havia preparado. Agora, a conversa era silenciosa, com algum jornalista que ela nem conhecia. Mas a refeição não precisava ser feita por ela. Já estava à sua espera sobre a mesa. Prontinha. Com uma bela fatia de mamão já sem sementes. Com manteiga, geleia e mel para o pão. E uma porção de comprimidos, os primeiros do dia, a lembrar aquilo tudo que não dava para esquecer.

A leitura se prolongou além da mesa. Prosseguiu na cadeira da varanda, sob o sol ameno da manhã. Os destinos do país continuavam a preocupá-la. Não tinha jeito, não conseguia se desligar dos acontecimentos que se sucediam, por mais que tivesse razões para só olhar para o próprio umbigo. Acabava se demorando com o jornal. Depois foi dar uma volta no quintal. Sabia que era um privilégio ainda morar na mesma casa em que criara os filhos e acompanhara cada planta crescer. Não abria mão de aproveitá-la. Em breve, quando se fosse, os herdeiros a venderiam e dividiriam o dinheiro. Talvez fosse essa a forma de que ela ainda continuasse a ampará-los.

Abriu a torneira, ajustou a força do jato que saía da mangueira. Reduziu a água a um leve chuvisco que apenas borrifasse as folhas. Viu que o canteiro de tagetes e calêndulas continuava a se renovar em seu amarelo dourado. Que novos vermelhos explodiam nos vasos de gerânios. Que as marias-sem-vergonha no canto sombreado junto ao muro faziam justiça ao nome, profusas e oferecidas por entre a folhagem. Conferiu os jasmims que haviam caído durante a noite; os manacás ontem roxos e hoje lilases, que amanhã estariam brancos. Constatou com alegria que em ambos os arbustos ainda havia botões, promessas de renovação no cantinho perfumado que de noite a encantava.

Na horta, os ombros das cenouras já começavam a se mostrar, saindo da terra sob as cabeleiras verdes. No mais recente canteiro de alfaces, alguns pés já estavam quase no ponto de serem colhidos, talvez ajudados pela sombra rala do arbusto de fruta-de-conde, onde duas temporás estavam vestidas por um

saquinho de pano que ela mesma preparara, em sabedoria aprendida de sua avó, para que alguma eventual praga não lhes atingisse a perfeição da forma ou a doçura do gosto.

– Dona Lídia, as crianças já chegaram – avisou Hermínia.

Interrompeu a rega e foi até a varanda, onde os pequenos vieram encontrá-la, aos pinotes para os abraços e agrados matinais. Sentaram-se todos.

– Quer massagem, vó? – perguntou o neto, como sempre, sabendo que a resposta era sempre positiva.

– Vou buscar o tratante – anunciou a menina.

Num instante estava de volta, vidro de hidratante na mão. Lídia deitou-se na rede, esticou as pernas, cada um se sentou de um lado e tomou um de seus pés entre as mãos. Fechou os olhos e ficou sentindo as mãozinhas das crianças a espalhar a loção. Um levíssimo aroma de lavanda. Em toque ainda mais leve, de almas e dedos infantis. Tênuo, mas capaz de a transportar em prazer profundo, de carinho gostoso, ao mesmo tempo morno e fresco. Vida à flor da pele. Vontade de que não acabasse nunca.

– Hoje a gente pode ficar muito tempo. Não vai ter aula, é conselho de classe – informou o menino, como se adivinhasse seus pensamentos. – Dá para ficar o dia todo.

Um dia inteiro com eles. Um presente. Lembrou-se de uma revista que costumava ler no avião, no tempo em que viajava muito para acompanhar Ernane. Tinha uma seção chamada: “Um dia pleno”, com o roteiro de 24 horas intensas, aproveitando tudo ao máximo, cada vez em uma cidade.

– Que bom! – saudou a avó. – Então vamos brincar de fazer coisas boas o dia inteiro.

– Mas só quando a gente acabar de passar tratante no seu pé – disse a menina, concentrada, a lhe espalhar a loção perfumada pelo calcanhar.

Não tinha pressa mesmo. Todo o tempo do mundo ia caber naquele dia. Deixou-se ficar, entregue a cada segundo de carícias, de olhos fechados, ouvindo a conversinha dos pequenos, respondendo de vez em quando. Depois foi resolver um almoço especial, só com coisa bem simples de que criança gosta. E banana frita de sobremesa. Com sorvete.

Enquanto não chegava a hora, ficaram no jardim. Mexeram na terra, plantaram, limpavam um canteiro. Examinaram minhocas e até um caracol.

Depois, um bom banho. Na frente da televisão, ficaram vendo desenhos até a comida ficar pronta.

Barriga cheia, deu moleza. Lídia ia deitar um pouco e sugerir que as crianças ficassem brincando por perto. Mas o pedido da neta foi mais forte:

– Conta uma história...

Ajeitaram-se todos na rede da varanda. Ela no meio. De cada lado um neto, bem aninhado. O sono foi chegando enquanto ela falava em príncipes e princesas, das histórias que, em pequena, ouvira de sua avó. Daí a pouco, as crianças risonavam tranquilas. Ela lhes acariciou os cabelos, deu um cheirinho em cada um. Acabou cochilando também.

Quando acordou, a filha estava de pé à sua frente. Já era tarde, viera buscar os meninos.

– O que vocês fizeram o dia inteiro? – perguntou ela.

“Fabricamos lembranças”, podia ser a resposta que Lídia não chegou a dar, porque o neto foi logo anunciando:

– A gente brincou de tratante.

– A vovó tratou da gente e a gente tratou dela – explicou a irmã.

As duas mulheres sorriram.

– E ainda me passaram tratante no pé, fizeram massagem e tudo – contou a mais velha.

A filha se sentou na cadeira de vime, segurou a mão da mãe, ficaram conversando um pouco. Desde menina, nunca se sentira tão próxima dela como nesses últimos dias.

– Como é que acaba, vovó? – perguntou a menina, de repente. – Eu dormi antes do fim da história.

– Então eu vou contar, para você aprender e um dia contar para a sua neta. Porque esta história eu aprendi com a minha avó.

E foi encadeando as palavras, enquanto a tarde ia embora e a noite chegava, numa história que ia durar mais que ela, e um dia, quem sabe?, talvez fosse contada, em feitiço de despedida, a uma menina pequena por uma mulher mais velha que se lembraria daquele dia pleno. Enquanto tivesse memória.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Todas as filhas

OK, você venceu

Estações

Tratantes